

Confluências Moçambique-Brasil

Rosalia Diogo^{1*}

¹Instituto Cultural Casarão das Artes Negras - Brasil

*Autora de correspondência: rosaliadiogo@gmail.com

RESUMO

**PALAVRAS-
CHAVE:**

Angola.
Moçambique.
Experiência
Convergências.
Pertencimento.

Este é um relato da minha experiência e vivência em Moçambique e Angola, países que completam o cinquentenário da independência em 2025. Em especial no caso de Moçambique, país que visitei algumas vezes, a partir da relação de pertencimento que me atravessa. Tenho criado algumas iniciativas que possam denotar as convergências culturais entre os dois países.

ABSTRACT

KEYWORDS:

Angola
Mozambique
Experience
Convergence
Belonging

This is an account of my experiences in Mozambique and Angola, countries that will celebrate their fiftieth anniversary of independence in 2025. I highlight Mozambique, a country I have visited several times and with which I have a deep sense of belonging. I have created several initiatives with Mozambique that demonstrate the cultural convergences with our country.

RESUMEN

PALABRAS CLAVE:

Angola.
Mozambique.
Experiencia.
Convergencia.
Pertenenencia.

Este es un relato de mis experiencias en Mozambique y Angola, países que celebrarán su quincuagésimo aniversario de independencia en 2025. Destaco Mozambique, un país que he visitado varias veces y con el que siento un profundo sentido de pertenencia. He creado varias iniciativas con Mozambique que demuestran las convergencias culturales con nuestro país.

Eu sou o teu passado e o teu presente Através de ti retornei à vida, ó
filho de África Porque trazes no sangue a força de todos os
escravizados...

Escuta a suavidade deste canto de esperança
Serena. Respira o ar puro do alto das montanhas
Reflete. Busca inspiração na memória da África e do mundo
Segura com braços firmes a liberdade que escapa.

(CHIZIANE, 2018, p. 17)

Introduzo esta escrita com um poema dessa monumental escritora, que é Paulina Chiziane, pois ele diz muito sobre o fato de eu ser uma moçambicana de essência, que vive na diáspora brasileira.

Apresento aqui, parte de um relato que escrevi para o Jornal Notícias, de Moçambique¹, em março de 2025.

O Brasil recebeu milhões de pessoas do continente para aqui serem escravizadas. Foram pessoas estrategicamente arrancadas de maneira brutal do seu continente para edificar o nosso país. A escravização foi de negras e negros africanos e seus descendentes especialistas na área da metalurgia, da medicina, da mineração, da biologia, da construção civil e tantas outras.

E ainda temos uma forma cruel de exclusão e desumanização de pessoas negras em nosso país. A população indígena e a população negra no Brasil é protagonista da diversidade e pluralidade na área a música, da dança, da filosofia, da escrita e muito mais. A possibilidade de retornar ao continente mãe, ao berço da humanidade, para mim é sempre uma alegria, uma honra e um privilégio. A primeira vez que estive em Moçambique, em 2011, foi justamente para investigar sobre a obra e vida de Chiziane, como parte da pesquisa de doutorado que realizei entre 2009 e 2013. Desde então, voltei outras vezes, sendo neste momento, a quinta vez.

Dentre tantos saberes e sabores que tenho desfrutado desde que cheguei aqui, em setembro de 2024, destaco o convite para participar do Festival

¹ Disponível em: <https://www.jornalnoticias.co.mz/destaque/atelier-de-letras-a-minha-alma-esta-no-continente-africano-encontrei-me-no-festival-poetas-dalma/>

Internacional de Poesia e Artes Performativas Poetas D'Alma, organizado e dirigido pelo ativista cultural, Feling Capela. O Festival é coordenado pelo movimento Poetas D'Alma, que é realizado há mais de 20 anos e têm a poesia como carro chefe, na sua transversalidade com outras linguagens artísticas.

A música esteve presente durante o festival de maneira substancial e não poderia ser diferente. A organização do evento certamente tem como referência a Súplica feita há décadas pela revolucionária poetisa moçambicana, Noémia de Sousa:

Tirem-nos tudo, mas deixem-nos a música! Tirem-nos a terra em que
nascemos, onde crescemos e onde descobrimos pela primeira vez que o
mundo é assim: um tabuleiro de xadrez... tirem-nos tudo..., mas não nos
tirem a vida, não nos levem a música!
(SOUSA, 2021, p. 30)

Em 2014 eu já havia participado de uma Noite de Poesias/Sarau, organizado por esse movimento e me lembro que a energia foi intensa e a minha alegria foi imensa. Confesso que estava com saudades. O que vivenciei nesses dias em que o Festival Poetas D'Alma ocorreu em Maputo, foi emocionante.

A cidade de Maputo foi tocada pelas boas energias daqueles que investem na possibilidade de uma sociedade mais justa e igualitária. Para os envolvidos nessa agenda, as manifestações artísticas e culturais são basilares para que possamos alcançar essa condição de bem-estar coletivo.

Sobre o tema: Resiliência e Cura. O tema dessa edição foi assertivo, tendo como referência o contexto de Moçambique e de outras partes do mundo. Estamos vivenciando situações muito tristes e desalentadoras, em que guerras estão acontecendo em várias partes do mundo. Governos de extrema direita, com os seus projetos de exclusão social de pessoas pobres, negras e indígenas, que são apartadas do livres acessos e oportunidades de ascensão. O que se vê é a xenofobia imperando em vários países. A homofobia, o racismo, o machismo, o colonialismo, que tenta se impor, em modos diferenciados tem causados dores e adoecimentos individuais e coletivos.

Nessa perspectiva, um festival de Poesias neste contexto, segue na contramão desse clima de mal-estar da civilização, como já sinalizou Freud. Essa iniciativa acena na perspectiva de que possamos construir juntas e juntos, um estado de resiliência, de paz e amor, com atitudes de enfrentamento à perversidade dos que se empenham em continuar a ferir e segregar pessoas.

Uma das atividades que tive a honra e a alegria de participar o painel CUR'ARTE. Nessa agenda, falamos sobre a arte como ferramenta de cura individual e social.

No final de semana anterior, eu acompanhei pela TV, acontecimentos que revelaram muito sobre o comportamento irracional das pessoas, a partir do ódio que guardavam em si. Tive a oportunidade de assistir ao menos dois episódios em que os populares invadiram imóveis para vandalizá-los, na cidade de Maputo. Houve também a casa de um político que foi alvejada por balas de armas de fogo.

As justificativas que foram dadas não são plausíveis à luz de alguma razoabilidade. Assim, a nossa percepção é a de que a raiva, a impaciência e a descrença nos políticos, na polícia e na política é uma realidade. Dessa forma, o que temos observado são manifestações em que a desesperança e o desamor têm se manifestado de maneira muito acentuada.

De forma que, um festival que propõe unir pessoas de países diferenciados, com as suas diversidades para falar e praticar artes é um grande desafio. Mas, reitero, que o mais potente neste festival foi o eixo ou a temática- Resiliência e Cura. Senti que essa tônica nos envolveu de maneira sensível, enquanto participantes, sendo da mesma forma com o público. A receptividade foi boa. Ouvir poesias e música, ver filmes, participar de painéis que falam sobre esperar, respirar fundo e ser inventivo para recriarmos melhores condições de vida sempre é necessário.

Sim, existe um forte movimento global que colabora para o nosso adoecimento coletivo e individual. Mas, a nossa resiliência, o nosso acreditar na arte e na nossa capacidade de refundar as boas relações e resistir à opressão deve imperar.

Eu sou sócia-fundadora do Instituto Cultural Casarão das Artes Negras, que completa 12 anos de atuação em 2025, promovendo ações de valorização da cultura africana e afro-brasileira em Belo Horizonte. Além do projeto Canjerê, o Instituto é responsável pela publicação da Revista Canjerê, que comemora 10

anos, atualmente em sua 24ª edição. Ela atua na promoção de literatura, moda, culinária, música e debates em torno da luta antirracista.

Parte do relato que se segue foi publicado no de um relato que escrevi para o Jornal Notícias, de Moçambique², em julho de 2025.

Desde 2015 essas nossas instituições celebram o aniversário da independência de Moçambique. Por este motivo, o primeiro lançamento das duas edições anuais da revista acontece no mês de junho, para que possamos fazer uma atividade festiva em alusão ao aniversário de independência do país também.

Nos dias 28 e 29 de junho deste ano, voltamos a fazer essa celebração! Desta vez, saudamos também o cinquentenário de independência de Angola, que será comemorada no dia 11 de novembro. Tudo isso, em meio ao novo ciclo da Década dos Povos Afrodescendentes (2025-2034), instituída pela Organização das Nações Unidas - ONU.

A programação aconteceu no sábado, dia 28, no Espaço Cultural Casa Canto, com a performance lítero-musical “Ponto Negro Entre Dois Mundos”, conduzida pelo artista Sérgio Diaz e acompanhada pelos músicos Leonardo Madeira e Márcio Santos. Em comemoração aos 50 anos de independência de Moçambique e Angola, a apresentação propôs uma profunda reflexão sobre a diáspora africana e seus múltiplos desdobramentos. Tendo o Brasil como um dos grandes berços dessa diáspora — por ter recebido a maior parcela de africanos durante o tráfico negreiro —, o recital costurou as histórias e culturas do Brasil, Moçambique e Angola. Sérgio Diaz interpretou poesias de autores moçambicanos e angolanos, alinhavadas a releituras de canções de artistas negros brasileiros, além de composições autorais, formando uma teia onde a arte une e mantém viva a cultura afro-diaspórica.

A noite contou ainda com o recital “No alto da Colina canto a África”, em que o poeta Robson Di Brito recebeu as convidadas Dalva Silveira e Rosália Diogo, para uma apresentação poética dedicada às raízes africanas e à ancestralidade, reafirmando o compromisso do evento com a valorização das múltiplas expressões da cultura negra.

² Disponível em: <https://www.jornalnoticias.co.mz/destaque/atelier-de-letras-a-minha-alma-estao-continente-africano-encontrei-me-no-festival-poetas-dalma/>

E, a pérola da noite foi a exibição do vídeo com os depoimentos dos ativistas culturais moçambicanos, Feling Capela, Mauro Brito e Sergio Libilo, que exaltaram a importância e alegria dos intercâmbios com o Brasil.

No domingo, 29 de junho, a programação seguiu em parceria com o Projeto Nujazz no Parque, no Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado. O evento contou com apresentações musicais dos DJs Vula, Leo Olivera, Fabiano Silva e Giulliano D-Oxb, e intervenções poéticas de Dalva Silveira, Robson Di Brito e Rosália Diogo. A programação também incluiu a exposição “Muthianas e Capulanas de Moçambique”, do fotógrafo e jornalista moçambicano, Albino Moisés, trazendo as cores, tecidos e simbologias da cultura moçambicana.

Participar do Festival Internacional de Poesia e Artes Performativas Poetas D’Alma, vai ao encontro do projeto Confluência Moçambique-Brasil. Trata-se de um projeto que estamos desenvolvendo neste momento, sendo que eu sou a representante aqui em Moçambique, na condição de curadora do Instituto Cultural Casarão das Artes Negras, produtor da agenda. Temos realizado algumas lives em que, de um lado da tela, temos artistas, pensadoras e pensadores moçambicanos e moçambicanos e do outro lado, pensadoras e pensadores brasileiros. Têm sido momentos férteis para trocas de ideias e comunhão de reflexões e propósitos artísticos e culturais.

O Instituto Cultural Casarão das Artes Negras tem, entre suas vocações e pretensões, agregar, difundir e compartilhar as culturas de matrizes africanas. Buscamos entender melhor quais são as vertentes culturais e artísticas que permanecem como prática e memória em Moçambique e que podem ser aproximadas ou não, com as práticas artísticas e culturais no Brasil.

Intenta-se propiciar aos interessados nas relações culturais existentes entre África e Brasil, e mais especificamente entre Moçambique e Brasil, oportunidades para estreitar relacionamentos nestes campos e compreender se de fato existe uma ancestralidade latente, com similaridades entre os dois países, como supõe a equipe do Casarão das Artes Negras.

Partimos de algumas referências teóricas, como a de Josep-Kizerbo, historiador e africanista do Mali, que dizia, “A África tem história”. Outro pensador que nos mobiliza a buscar reflexões nesta direção é o moçambicano, Francisco Noa sobretudo quando ele nos instiga, afirmando que a memória funciona como

o grande catalisador das consciências, possibilitando a integração, um meio de estabelecer prioridades. Parece-nos que, as reflexões de Noa vão ao encontro do que intentamos com esse projeto, que é a de compreender como que esses dois países – Moçambique e Brasil, que passaram pelo jugo colonial do mesmo país, Portugal, reconstroem as suas memórias históricas, de maneira saudável à reafirmação das suas identidades.

As teorias de Noa nos remetem a pensar que a cultura, no sentido mais amplo, é um conjunto de formas de existência, costumes, ideias, comportamentos e bens, que são transmitidos de geração a geração. Acreditamos que esse conjunto de valores agregados colaboram para a identificação e perpetuação das culturas de determinadas sociedades. Não obstante, certos aspectos podem se diluir com o tempo e outros, mais sólidos, podem determinar as particularidades de determinados povos.

A minha alma se encontrou plenamente com o Festival Poetas da Alma! Cheguei em Moçambique em 2024, em um contexto de tentativa de reparação de uma Brasil que teve recentemente quatro anos de um desgoverno, cujas medidas insanas inclui o desmonte das políticas culturais. Temos encontrado relativo conforto nas políticas do atual governo, que tem implementado ações que buscam reerguer o cenário positivo das agendas artísticas e culturais do país. Apesar da tentativa de uma sociedade brasileira estruturalmente patriarcal e escravocrata, insistimos em ser resilientes e protagonistas dos processos de avanços democráticos, como nos ensina a escritora Conceição Evaristo:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança nos porões do navio.
ecoou lamentos de uma infância perdida.
A voz de minha avó ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo...
A voz de minha filha recolhe em si
a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

(EVARISTO, 2008, p. 10).

E assim, sobretudo nós, mulheres pretas, no Brasil, vamos nos reerguendo com fé em dias melhores para cada um de nós e para a coletividade. Temos como também como uma das referências o pensador Paulo Freire, que nos ensina a Esperançar.

No sábado 9 de agosto, o Casarão das Artes Negras empreendeu mais uma singela homenagem ao cinquentenário das independências de Angola e de Moçambique. O evento, que recebeu o nome de A literatura no Cinquentenários das independências de Angola e Moçambique, aconteceu na cidade de Diamantina, interior do Estado de Minas Gerais e eu tive a honra e a alegria de ser a agente cultural dessa atividade. O lindo espaço cultural da cidade - Lapidário das Artes nos acolheu para essa realização. A apresentação uniu história, trocas, literatura e ancestralidade.

Durante o encontro celebramos as palavras que atravessam fronteiras, libertações e afetos, reforçando o papel da literatura como memória viva das lutas desses dois países irmãos entre si e também do Brasil.

Diamantina é terra de cultura pulsante e queremos sempre somar para ampliar essa força. Este encontro foi também uma oportunidade de diálogo na cidade que fortalece pontes.

Na ocasião, fiz um breve histórico sobre as lutas em prol da independência de Angola e de Moçambique. Discorri sobre a pesquisa de doutorado que fiz sobre as literaturas de Conceição Evaristo e Paulina Chiziane e declamei alguns poemas. No caso de Angola, citei poemas de Agostinho Neto e Kandimbu Ananaz. No caso de Moçambique os poemas invocados foram de Paulina Chiziane, Noêmia de Sousa, José Craveirinha e da jovem, que representa com muita força e vigor, a nova geração de poetas moçambicanos, Amélia Gulele, a quem em deferência e admiração, apresento um dos seus poemas:

Art 51 nº1

Na República de Moçambique, ecoa o Artigo 51, mas onde está a verdade?
Liberdade de expressão fictícia, sufocada pela mordaca da sociedade.

Promessas vazias de uma liberdade eleitoral que nunca se concretiza.
Enquanto os direitos humanos são violados, a injustiça se eterniza.
Entretanto, a realidade persiste.
Mãe, Mãe teu filho foi baleado
E o polícia que disparou nem foi identificado
Ela só estava a marchar pelo rapper enterrado
O estado assumiu o erro, mas ele nem foi indenizado
Um ano depois, ele já recuperado
E agora é o deputado da oposição mais destacado
Comenta no show do Fred e demonstra-se revoltado
Mas nada disso teria acontecido se o Artigo 51 fosse realmente respeitado
Dia após dia, são violados Direitos Humanos sem pudor
Prisões arbitrárias em que a Sernic faz papel de procurador
Nossa cultura é espezinhada, já nem podemos nos manifestar
Até a mamã Paulina é agredida por aqueles que deviam lhe evangelizar
As algemas da injustiça aprisionam a esperança e a dignidade
Caminho obscuro que nos afasta da verdadeira liberdade
Enquanto isso, o porta-voz sem pudor dá desculpas no televisor
Turmas com mais de 100 alunos sem carteiras a usarem blocos como mesa
Onde deveria haver espaço para sonhar e aprender, encontram-se condições
que fazem o futuro perecer.
A aprendizagem é comprometida, sem o suporte adequado o conhecimento se
perde no ar, numa sala superlotada, onde é difícil até respirar.
A liberdade eleitoral fictícia, onde o voto não decide o rumo,
Compra de votos, manipulação, um teatro que nos leva a um falso prumo.
Violação dos direitos humanos, prender sem mandato é afronta
Negar a liberdade individual é mergulhar numa sociedade em contínua
confronta.
Censura às vozes dissidentes, medo constante no ar,
Jornalistas perseguidos, sem espaço para falar.
Blogueiros silenciados, suas palavras em vão,
Tudo isso ocorre sob o pretexto da proteção.
E a justiça, onde está? No silêncio conivente?

Promessas de mudança, mas nada é diferente
A luta continua, a esperança não se esvai,
Por um Moçambique livre, onde a verdade não trai.
É hora de erguer as vozes
De lutar e resistir sem editar
Que a liberdade seja real e que os direitos sejam respeitados
Que o silêncio dos oprimidos seja quebrado e superado
Parafraseando Martin Luther King, nessa vida eu tenho um sonho
Ver o Artigo 51 na prática, por isso canto, escrevo e componho.
Amélia Gulele³

Sobre a cidade de Diamantina: Fundada no início do século XVIII, Diamantina teve sua origem ligada à descoberta de diamantes na região, o que impulsionou seu desenvolvimento e a transformou em um importante centro de mineração. A cidade preserva até hoje um conjunto arquitetônico colonial, com casarões, igrejas e ruas de pedra que refletem seu passado histórico. Em reconhecimento à sua importância cultural e histórica, Diamantina foi declarada Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura -UNESCO em 1999.

A cidade tem uma história intrinsecamente ligada ao processo escravocrata, especialmente devido à exploração de diamantes no século XVIII. A região, outrora conhecida como Arraial do Tijuco, foi um importante centro de extração de diamantes, onde a mão de obra escrava foi fundamental para o desenvolvimento da atividade. O Caminho dos Escravos, um trecho calçado por escravizados, conectava Diamantina a outras regiões, facilitando o escoamento da produção de diamantes para o litoral. Além disso, a cidade abrigou comunidades quilombolas que encontraram refúgio nas montanhas da região, buscando escapar da escravidão.

Assim, escolhemos um município que é um ícone para que possamos entender sobre o trânsito de pessoas africanas para serem escravizadas no Brasil.

³ Poema não publicado.

Sendo que hoje, estamos ressignificando o cenário e mostrando o quando o legado de africanos enriqueceu e continua enriquecendo a sociedade brasileira. Desde 2013, apresentamos em vários espaços da cidade de Belo Horizonte, o projeto referente à exposição de fotografias "MWANA- pérolas do Índico", uma série de 15 fotografias do jornalista e fotógrafo moçambicano Albino Moisés. O objetivo é propiciar ao belo-horizontino um pouco de visão sobre essa país da África, localizado no oceano Índico. As fotos foram captadas na região central e periferia de Maputo, capital de Moçambique, e ainda na província da Zambézia, na cidade de Mocuba, terra natal do fotógrafo, além de outras regiões do país. O termo MWANA significa criança, em várias línguas nacionais do centro e norte de Moçambique (como é o caso das línguas chuabo, sena, nhungue, macua e outras).

As fotografias retratam crianças e jovens moçambicanos negros, e foram inspiradas pelas situações cotidianas de lazer, mas também de desamparo em que muitas delas vivem em seu país.

Considerando que a discriminação racial persiste no cotidiano das crianças brasileiras e se reflete nos números da desigualdade entre negras, indígenas e brancos, em minha condição de curadora do Instituto Cultural Casarão das Artes Negras, desejo apresentar essas realidades das infâncias naquele país. Recebemos as fotografias do artista, em 2013. Ele faleceu em 2018. As imagens nos foram doadas e preservadas, em função das inúmeras parcerias que a nossa instituição tem realizado com Moçambique.

A nossa proposta de circulação com essas fotografias se articula aos objetivos do Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF, que reuniu 10 ações para promover uma infância sem racismo, focando na educação e no respeito à diversidade. Estas ações incluem: educar para o respeito às diferenças e à diversidade, não classificar pela cor da pele, denunciar discriminações, valorizar comportamentos respeitosos, e proporcionar a convivência de crianças de diferentes origens. Também se enfatiza a importância de apoiar crianças discriminadas, contextualizar e sensibilizar sobre o racismo, alertar para linguagem estigmatizante, e reconhecer que racismo é crime.

Ela faz um alerta à sociedade sobre os impactos do racismo na infância e adolescência e a necessidade de uma mobilização social que assegure o respeito

e a igualdade étnico-racial desde os primeiros anos de vida do sujeito. Propomos com esse material, uma leitura diaspórica sobre esse tema a partir de cultura moçambicana e brasileira. Assim, mostrado para Belo Horizonte uma faceta da história e da cultura moçambicanas, também por meio da fotografia, permitindo ao público de todas as idades e setores da toda sociedade civil, a oportunidade de, com essa iniciativa conhecerem Moçambique - um dos países africanos de Língua Portuguesa.

Referências

CHIZIANE, Paulina. **O canto dos Escravizados**. Belo Horizonte, Nandyala, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História Geral da África I: metodologia e pré-história da África. 2.** ed. Brasília: UNESCO, 2010.

NOA, Francisco. **Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária**. 1ª Edição; Editorial Caminho, SA, 2015.

SOUSA, Noemia de. **Sangue negro**. São Paulo: Kapulana, 2021.